

AS ELEIÇÕES DAS RUAS

Rudá Ricci

Instituto Cultiva

✉ ruda@inet.com.br

Resumo: O presente artigo tem como finalidade analisar as repercussões das recentes manifestações sociais – que se espalharam por grande parte do Brasil e reuniram mais de um milhão de pessoas – no atual cenário político brasileiro. Quais serão as implicações destas manifestações nas eleições presidenciais de 2014? De que forma os candidatos serão afetados? O artigo procurará responder a estas perguntas.

Palavras-chave: Manifestações, eleições de 2014, candidatos

Abstract: This article aims to analyze the impact of recent social protests - which have spread throughout much of Brazil and gathered more than a million people - in the current political scene. What are the implications of these events in the presidential election of 2014? How candidates will be affected? The article attempts to answer these questions.

Keywords: Protests, 2014 elections, candidates

Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes parecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado mas uma outra cidade que por acaso também se chamava Maurília. (Ítalo Calvino. As cidades invisíveis)

1. As ruas são sempre uma novidade

As ruas sempre foram objeto de estranhamento para um pacato observador. A começar por seu nascedouro. Baudelaire, Edgar Allan Poe, Engels foram muitos que observaram os desenhos labirínticos das ruas europeias, tomadas por rostos tensos e desesperados. A aventura de compreender o espaço urbano permaneceu desde então, tanto no campo literário (destacaria o belo “Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino), quanto nas análises sociológicas (como os desconcertantes ensaios de Walter Benjamin).

Não é uma novidade teórica, portanto, que a saída dos jovens brasileiros às ruas tenha causado tanta perplexidade. Principalmente nas instituições políticas. A multidão nas ruas desfigura o traçado urbano. Muda a paisagem e embaralha os pontos de referência. Este quase sentimento de vertigem e redescoberta do espaço público transborda para a percepção daqueles que formalmente deveriam representar esta multidão.

As ruas são sempre uma novidade, principalmente se tomadas pela multidão.

Mas esta novidade é ainda mais aguda se a multidão se conecta pelas redes sociais, criando um mosaico de relacionamentos invisíveis que solapa todas as formas de reconhecimento de grupos de interesses.

Este é o foco deste artigo: compreender em que medida as eleições de 2014 podem se influenciar por esta vertigem de momento. A partir de agora, duas questões devem organizar nosso olhar sobre a dinâmica eleitoral. A primeira, a vitalidade da energia moral que se expressou nas ruas nesses dias de junho de 2013. A segunda, as iniciativas dos partidos e lideranças partidárias para acolher ou desmobilizar as demandas difusas que apareceram em milhões de cartazes escritos à mão que emolduraram as passeatas país afora.

O cruzamento destas duas variáveis pode indicar uma importante mudança na lógica política e até mesmo no sistema de representação formal do Brasil. Pode, ainda, renovar a ira de grande parte de eleitores que poderão inundar as urnas com votos brancos e nulos. Finalmente, não seria anormal se o país mergulhasse, novamente, no que os jovens, nestes dias de maio de 68 tupiniquim, denominavam de “gigante adormecido”.

2. O discurso do campo institucional

A representação formal no Brasil é manca há algum tempo.

Pesquisa realizada pelo Datafolha no final de maio de 2010 revelou que 44% dos entrevistados entre 18 e 70 anos não votariam se o voto não fosse obrigatório. O eleitor lulista era o que mais continuaria comparecendo às urnas (64% afirmaram que votariam mesmo o voto sendo facultativo). Mais: os petistas eram os que mais desejavam a manutenção do voto obrigatório (55% deles cravaram esta opinião). Mas foram os mais ricos os que iriam às urnas em qualquer hipótese: 62% dos que ganhavam mais de 10 salários mínimos e 65% dos mais escolarizados.

Por seu turno, o Índice de Confiança na Justiça (ICJBrasil) de 2012, elaborado pela Direito GV, indicava que os partidos políticos figuravam em último lugar no índice de confiança nas instituições, com 5% de satisfação. Eram superados pelo Congresso Nacional, que apresentou um índice de 22%.

As campanhas eleitorais se realizam a partir deste substrato de baixa confiança e daí sempre aparecerem como um interregno na vida cotidiana dos brasileiros, o que faz dos eleitos distantes do cidadão e não seus representantes. Partidos e políticos se estruturam a partir desta lógica, como máquinas eleitorais, adotando mecanismos e dinâmicas internas que os aproxima da lógica de empresas. São os segmentos administrativos da estrutura partidária que contratam empresas de marketing e pesquisa de

opinião, que orientam gastos, padronizam protocolos de apresentação pública e acertam acordos com setores privados e aliados. São, para a grande maioria dos eleitores, desconhecidos.

Os candidatos, por sua vez, movem-se num campo muito mais identificado com o que se poderia denominar de “construção do discurso hegemônico”. Como nos ensinou Antonio Gramsci, a hegemonia é um cimento de interesses difusos que se articula a partir do convencimento, mas também da habilidade em unir, como um quebra-cabeça semântico, as aspirações de agrupamentos sociais, frações de classe, orientações políticas, valores religiosos e assim por diante.

O marketing é apenas um dos instrumentos desta dinâmica de construção do discurso hegemônico. Mas, no mundo da fragmentação social do século XXI, não basta. É fundamental a construção de uma rede de apoiadores que se enraíza nos municípios e desce aos bairros, aos bares e campos de futebol. Uma das máximas da prática política é que o que conta nunca é o fato, mas a versão. Daí a importância desta poderosa rede de apoiadores que se insinua pelos escaninhos das ruas, desde que elas não estejam tomadas pela emoção (como nos dias de junho deste ano). Desde que as ruas sejam espaços abertos para a conquista deste operador político de fala mansa.

O discurso político-eleitoral do campo institucionalizado, dos partidos e governos, é, assim, marcado em ano eleitoral pela tentativa de sair dos gabinetes e de dialogar com a vontade dos cidadãos. Trata-se de interpretar e de convencer. Marketing e rede de contatos (o tão propalado *network*) forjam este contato.

Ora, temos, por aí, um apelo emocional que vem do perfil contraditório e puro de Marina Silva. Contraditório porque fala aos jovens a partir de bandeiras ambientalistas, mas também fala aos fundamentalistas religiosos que

abominam qualquer inovação no comportamento social. Marina Silva teria apelo para uma parcela significativa dos brasileiros e já revelou seu potencial no final do primeiro turno das eleições de 2010. Não teria, contudo, a rede de operadores políticos.

Aécio Neves teria, ao contrário, um discurso defensivo, sem grandes apelos, ainda mirando na indisposição da classe média tradicional que não consegue, há anos, forjar a opinião pública e carrear votos ao candidato mais próximos de seus interesses e valores. Aécio Neves, contudo, tem uma poderosa máquina partidária e eleitoral. Seu problema de momento, contudo, é atrair seus correligionários paulistas, donos da maior parcela da máquina partidária. Finalmente, ainda apresenta dificuldades para penetrar no segundo maior colégio eleitoral regional: o Nordeste. Até entre os manifestantes mineiros, Aécio Neves amargou um quarto lugar na intenção de votos capturada pelo Instituto Inovare, durante a manifestação de 23 de junho realizada na capital mineira. Aécio Neves foi citado por apenas 6,6% dos manifestantes, atrás de Dilma Rousseff, com 14,2% das citações.

Dilma Rousseff tem em suas mãos a herança política de Lula e a estrutura governamental, poderosa para construir a rede de apoiadores e operadores políticos. Mas sofre de dois males. O primeiro, o seu estilo gerencial de governar que a distanciou das ruas e aliados de longa data. As reclamações vazam por todos os poros. Também sofre com o fim do clima de euforia da melhoria da qualidade de vida dos brasileiros mais pobres. Foram três anos de administração do impacto negativo da crise econômica internacional e uma tentativa de pouco sucesso para substituir o crescimento pelo consumo doméstico dos anos Lula para o crescimento pelo investimento produtivo.

Finalmente, Eduardo Campos, que se posicionaria numa situação mediana em termos de apelo e estrutura política. Tenta ampliar alianças para potencializar

o que tem no momento, mas ainda não conseguiu resultados expressivos. Nas pesquisas nacionais, figura em quarto lugar na intenção de voto e mesmo no Nordeste, em estados limítrofes do seu Pernambuco, aparece na lanterna da disputa eleitoral de 2014.

O fato é que todos receberam seu quinhão de ataques nas ruas mobilizadas dos últimos dias. Nenhum saiu ileso.

3. O discurso das ruas

As ruas são muitas. As pesquisas que procuraram capturar o perfil das mobilizações de junho revelaram uma maioria de jovens de classe média. Pesquisa nacional realizada pelo IBOPE na última semana de junho indicava que os manifestantes eram, em sua maioria, jovens entre 14 e 24 anos de idade, 52% estudantes e 76% trabalhadores, com a seguinte distribuição de renda familiar: 23% acima de 10 salários mínimos, 26% entre cinco e dez SM; e 30% entre dois e cinco SM.

O mais interessante, contudo, é o perfil político dos manifestantes: 46% das pessoas que estiveram nas passeatas de sábado (21/06) nunca participaram de uma manifestação de rua. 78% disseram que se organizaram pelas redes sociais. 75% dos entrevistados disseram que também usaram as redes sociais para convidar amigos para as manifestações. 83% dos entrevistados disseram não se sentir representados por políticos e 89%, por partidos; 96% não são filiados a partidos políticos e 61% se declararam muito interessados por política.

As motivações são múltiplas, embora o transporte público tenha sido a mais citada.

Augusto de Franco, citando David Ugarte sugere o conceito de “swarming”, ou enxameamentos cívicos que formam “grandes manifestações de massa,

caso haja possibilidade de conexão em tempo real (por telefone móvel ou e-mail, por exemplo), em horas ou até minutos”¹.

Trata-se de uma manifestação dinâmica, móvel, em que cada participante ou agrupamento é uma manifestação em si. As demandas e palavras de ordem seguem a lógica do sistema de convocação: as redes. Cada um vai porque um conhecido faz um convite, muitas vezes, nem isto, apenas socializando uma informação. Trata-se de uma adesão afetiva, não uma convocação. Nada mais distante que as organizações sociais e políticas do século XX.

O enxame, contudo, é previsível como intuição natural. Mas as mobilizações de junho revelaram que sua força é a ausência de liderança fixa. O que indica uma lacuna entre o mosaico que se forma e qualquer tentativa de organização e formação de representações. O enxame passa a ser imprevisível.

Quando as demandas das mobilizações começaram a ser disputadas, a partir do dia 19 de junho, as organizações apareceram. Neste momento, o método já era outro, longe do enxame. O discurso vinha de agrupamentos já formados anteriormente. A situação se agravou com o convite que alguns governantes (a Presidente Dilma Rousseff e os Governadores Tarso Genro e Antonio Anastasia foram os primeiros) fizeram aos organizadores das manifestações. Como, a partir daí, eleger representantes de um mosaico?

O discurso da rua é polifônico. É natural, portanto, que suas demandas sejam multifacetadas. Mas, então, como saltar do enxame para o campo institucional? O que apresentar como alternativa para o modelo de representação vigente?

Esta lacuna organizacional pode se expressar nas eleições de 2014. Como frustração. Como avalanche de votos nulos e brancos. A pesquisa do Instituto

¹ Cf. FRANCO, Augusto. **A Rede**. Visualizado em 28/06/2012 em <http://net-hcw.ning.com/page/a-rede>. Cf. “Swarming civil espanhol” in UGARTE, David (2004). **11M**: Redes para ganhar una guerra. Barcelona: Icaria, 2006.

Innovare, de 23/06, realizada entre manifestantes de Belo Horizonte, indicava que 31% afirmavam que votariam em branco ou anulariam o voto nas próximas eleições. Outros 27% afirmaram que votariam em Joaquim Barbosa, ministro do STF que não é candidato.

4. O possível cruzamento de discursos

Onde se encontram o discurso dos candidatos oficiais para as eleições de 2014 com o discurso das ruas deste mês de junho? Num cruzamento tortuoso, um labirinto discursivo que constrói e corrói o vencedor de momento.

As ruas desvelaram o rei e sua corte. Em seguida, a tentativa de canalização desta energia de massas para o campo institucional, via plebiscito ou reforma político, redefiniu o campo de disputa. Contudo, não produziu ofensiva do campo institucional, que continuou perplexo. O Congresso Nacional passou a votar pautas que estavam engavetadas há anos. Tentava responder de maneira atabalhoada, como se pressentisse a guilhotina sendo engraxada. Governo federal, autor da proposta de plebiscito, passou a se explicar quase diariamente.

Mas as ruas também não conseguiram impor alternativas. As assembleias de preparação das mobilizações seguintes reproduziam a polifonia das passeatas. Houve situação em os jovens votaram se deveria existir votação como método de definição de agenda.

Entramos no século XXI mantendo como sistema de representação política a lógica societal do século XX. Um dique envelhecido que já expõe rachaduras e que contém, com dificuldades, a massa de água que pressiona suas paredes.

Se a novidade das ruas não desaguar numa alternativa, a frustração desmobilizará paulatinamente os manifestantes. Mas o recado permanecerá. Assim como a lacuna entre as ruas e as instituições de representação política.

RUDÁ RICCI
AS ELEIÇÕES DAS RUAS

Os candidatos poderão respirar. Até a próxima mobilização de massas.